

 <p>ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN FAMECOS</p>	<h1>REVISTA FAMECOS</h1> <p>mídia, cultura e tecnologia</p> <p>Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 32, p. 1-11, jan.-dez. 2025 e-ISSN: 1980-3729 ISSN-L: 1415-0549</p>
<p>https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2025.1.45734</p>	

SEÇÃO: MÍDIA E CULTURA

Nazaré Tedesco não virou *meme*: análise de uma performance híbrida da conversação digital

Nazaré Tedesco did not turn meme: analysis of a hybrid performance of digital conversation

Nazaré Tedesco no se convirtió en meme: análisis de una performance híbrida de conversación digital

Patrícia Rilliane Gomes da Silva¹

orcid.org/0000-0002-1345-5536
patriciarilm@gmail.com

Orivaldo Pimentel

Lopes Júnior¹

orcid.org/0000-0001-8114-4169
orivaldojr@yahoo.com.br

Recebido em: 11 fev. 2024.

Aprovado em: 18 fev. 2025.

Publicado em: 17 jun. 2025.

Resumo: O objetivo deste artigo consiste em demonstrar que o *meme* é um regime de enunciação que não pode ser confundido com os demais elementos articulados na conversação digital, cuja eficácia depende, como nos ajuda entender Bruno Latour, dos regimes de enunciação da ficção e da metamorfose (entre outros não explorados aqui). Para tanto, retomamos o argumento de que o *meme* é uma microação do discurso (Silva; Lopes Júnior, 2023) e usamos a personagem Nazaré Tedesco como exemplo de performance híbrida da conversação, na qual, median-se transformações subjetivas; neste processo, apontamos que o *meme* explora a fisionomia da personagem citada porque ela oferece um acervo precioso de achados expressivos, que figuram sensações solicitando alinhar crenças e desejos a *insights*, situação ideal para o *meme* preencher a possibilidade do contágio social. Dessa forma, afirmamos que a Nazaré Tedesco não é um *meme*.

Palavras-chave: Antropologia dos modernos. Contágio social. Modos de existência. *Meme*. Regime de enunciação. Teoria Ator-Rede.

Abstract: The aim of this article is to demonstrate that the meme is a regime of enunciation that cannot be confused with the other elements articulated in digital conversation, whose effectiveness depends, as Bruno Latour helps us understand, on the regimes of enunciation of fiction and metamorphosis (among others not explored here). To this end, we return to the argument that the meme is a micro-action of discourse (Silva; Lopes Júnior, 2023) and we use the character Nazaré Tedesco as an example of a hybrid performance of conversation, in which subjective transformations are mediated; in this process, we point out that the meme exploits the physiognomy of the character mentioned because she offers a precious collection of expressive findings, which feature sensations asking to align beliefs and desires with insights. An ideal situation for the meme to fulfill the possibility of social contagion. In this way, we affirm that Nazaré Tedesco is not a meme.

Keywords: Anthropology of the modern. Social contagion. Modes of existence. Meme. Regime of enunciation. Actor-Network Theory.

Resumen: El objetivo de este artículo es demostrar que el meme es un régimen de enunciación que no puede confundirse con los demás elementos articulados en la conversación digital, cuya eficacia depende, como nos ayuda a comprender Bruno Latour, de los regímenes de enunciación de la ficción y de la metamorfosis (entre otros no explorados aquí). Para ello, retomamos el argumento de que el meme es una micro acción del discurso (Silva; Lopes Júnior, 2023) y utilizamos al personaje Nazaré Tedesco como ejemplo de una performance híbrida de conversación, en la que se median transformaciones subjetivas; en este proceso, señalamos que el meme explota la fisonomía del personaje mencionado porque ofrece una preciosa colección de hallazgos expresivos, que presentan sensaciones que piden alinear creencias y deseos con intuiciones. Una situaci-



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil.

ón ideal para que el meme cumpla la posibilidad de contagio social. De esta forma, podemos decir que Nazaré Tedesco no es un meme.

Palabras clave: Antropología de lo moderno. Contagio social. Modos de existência. Meme. Régimen de enunciación. Teoría del Actor-Red.

Introdução

A Teoria Ator-Rede explica as condições materiais e artificiais da realidade por meio do denso cruzamento de redes, das quais destacamos a que é feita de discurso: os regimes de enunciação. Como em qualquer outro tipo de rede, são as descontinuidades que se articulam para garantir a aparência de continuidade do que está sendo dito, tais descontinuidades são justamente o que Latour (2019)² denomina de regime de enunciação. Trata-se de microações discursivas³ cujas técnicas são dominadas por oradores, líderes ou figuras proeminentes; às quais Latour (2019) se dedicou a mapear e convidou outros pesquisadores a fazer o mesmo, sob o rótulo de Antropologia dos Modernos. Como resposta a esse convite, em outra oportunidade iniciamos o esforço intelectual de argumentar que o *meme* é um regime de enunciação (Silva; Lopes Júnior, 2023), que se soma aos que já foram mapeados pelo autor, dessa forma, analisamos os rastros deixados pelo *meme* e pontuamos o seu efeito micropsicológico específico: oferecer uma via de crenças e desejos⁴ a ser imitada.

Uma percepção mais clara da distinção dos regimes de enunciação pode ser exemplificada na distinção entre um regime de enunciação religioso e o discurso racionalizado da ciência. Se uma pessoa diz "uma divindade X curou-me de uma enfermidade", e o seu ouvinte responde "não foi a divindade, mas, sim, um fator natural", houve aí um choque de regimes que impediram o diálogo (Latour, 2002). Outros exemplos poderiam ser dados no regime de enunciação da política (Latour, 2004), ou da arte (Latour, 2012a), mas o

importante é ter em perspectiva a necessidade de perceber quando um regime está em operação para manter a "condição de felicidade" da interação. Sem esse procedimento preliminar, qualquer compreensão fica ameaçada. Em função disso, justificamos a importância de mapear o *meme* na conversação digital.

Enquanto uma microação discursiva, o *meme* se insere em um movimento híbrido, que pode ser mobilizado por um número incomensurável de elementos, tais como um gato fofinho, uma personagem de novela, *smartphones*, *wi-fi*, crenças, desejos adormecidos etc.⁵. Por outro lado, enquanto um efeito na realidade, o *meme* é definido como o contágio de uma ideia ou opinião, ou seja, o *meme* aconteceu quando houve aumento da quantidade social de um grupo. Isso implica dizer que, para esta pesquisa, não faz sentido falar de "*memes*" no plural, porque ele não "é um recorte da cultura, tipicamente uma piada, que ganha influência através de sua transmissão *online*" (Davison, 2020, p. 144), nem um recorte que pode ser compartilhado aos milhares e "reproduzido com qualquer programa editor de texto para computador" (Cani, 2019, p. 252), menos ainda um remix, que "é o processo de construção/elaboração dessa materialidade textual, enquanto o *meme* acaba sendo o produto acabado, que passa a circular nas redes" (Lima-Neto, 2020, p. 2257). Partimos da compreensão de que:

[...] o meme não é uma postagem que veicula uma ideia com a qual as pessoas que compartilham e curtem se identificam, não é uma imagem/vídeo com legenda compartilhada por um determinado público; o meme é, antes de tudo isso, um conteúdo que de alguma forma atende a uma condição de felicidade criada discursivamente (Silva; Lopes Júnior, 2023, p. 352).

Dito isto, esta análise tem como objetivo delimitar o continente do discurso que denominamos

² O principal expoente da Teoria Ator-Rede.

³ O estudo da realidade social voltado para microacontecimentos que explicam macroacontecimentos é uma influência do pensamento de Gabriel Tarde na formação das Ciências Sociais, e reflete em perspectivas contemporâneas como a Teoria Ator-Rede.

⁴ Crenças e desejos são termos empregados aqui a partir da compreensão de Tarde (2003), segundo a qual as crenças (afirmação e certezas) e os desejos (vontade e paixões) são agentes psíquicos diferentes de nós, apresentam caráter quantitativo e estão presentes em todo fenômeno psicológico.

⁵ Sobre essa definição do meme enquanto processo, veja Silva (2023).

meme, na medida em que este se articula com o regime de enunciação da ficção e da metamorfose⁶. Dessa forma, é necessário ressaltar que, para garantir a possibilidade de vida social, não podemos prescindir dos seres capazes de causar transformações, emoções; os quais vivem, teoricamente, em nossa imaginação. O aspecto crucial a respeito deles é que podem metamorfosear os indivíduos, porque os “tomam por outros”, sem que isso implique em apontá-los individualmente, de modo que, devemos questionar:

Em qual tonalidade se deve entender o que se seguirá quando alguém disser que existem “seres da possessão” que querem nos devorar, sem que sejamos precisamente seu alvo, pois não se trata de modo algum de nosso pequeno ego – sem importância para eles e, além disso, ainda sem conteúdo? (Latour, 2019, p. 169).

Esses seres correspondem ao resultado feliz da conjunção entre os verbos “ser” e “ter”: “a pessoa foi tida”, “a pessoa foi possuída, transportada, habitada”, da mais simples raiva a crimes bárbaros, às tempestades da paixão. Nas plataformas digitais, esse estado costuma ser chamado de “virar *meme*” e, em uma descrição simplória, acontece quando registros imagéticos passam a ser usados como base de repetição para postagens com humor. Todavia, esses “seres da possessão” nem são *memes*, nem são um registro que se repete em postagens, eles apenas tramam, com todos os atores que se envolvem, ou podem se envolver, na performance do *meme*⁷, isto é, do contágio social. Neste processo, longe dos indivíduos terem tempo para usufruir o conhecimento produzido e aprimorar as conversações, acumularam-se tantas informações, contradições e conflitos nas relações digitais, que não podem deixar de passar por dispositivos artificiais e rituais.

Isso implica dizer que precisamos, desesperadamente, instaurar entidades necessárias à constante fabricação e mutação de ego. Para

compreender o *meme* nesse processo mais amplo, é preciso, antes, compreender a articulação técnica de muitas tecnologias discursivas referentes aos diferentes regimes de enunciação⁸. Apontamos, em primeiro lugar, os seres da metamorfose (influências, divindades, psiquismos), porque são eles que podem “virar *meme*”.

Não há um de nós que não esteja em contato constante com esses seres de transformações. Nas nossas relações com eles, somos como um envoltório frágil constantemente bombardeado por uma chuva incessante de seres produtores de psiquismo em que cada um deles é capaz de nos influenciar, de nos comover, de nos sacudir, de nos perturbar, de nos transportar, de nos devorar ou, também, de nos levar a fazer o que não sabíamos ser capazes e que agora nos habita e nos possui. Como a heroína de Cassavetes, todos vivemos sob “influência”, positiva ou negativa, dependendo dos efeitos desses “psicotrópicos” (Latour, 2019, p. 167).

No digital, o ritual necessário para ascender à condição de um desses seres de transformação, os quais não “viram *memes*”, perpassa pela capacidade de se especializar na trajetória do *meme*⁹, ou seja, quanto mais apta a resolver conflitos, conseguir compartilhar o prazer desse processo psíquico e fazer instalar uma emoção ou transformação de maneira a empreender um interesse apaixonado, mais poderosa e mais capaz de manipular *scripts*. Esse desafio discursivo foi realizado com muita destreza pelo “*meme* da loira confusa”, estrelado pela personagem Nazaré Tedesco, vilã da novela *Senhora do Destino* (2004)¹⁰, e interpretada pela atriz Renata Sorrah. Esta entregou registros preciosos para a comunicação digital (formas e figurações faciais e corporais), por meio dos quais, em segundo lugar, apontamos os seres da ficção (envios, figurações, formas, obras), cujo modo de existência se apresenta

Sempre que um pequeno grupo de palavras faz *surgir* um personagem; sempre que da pele

⁶ Sobre estes e outros regimes de enunciação, veja Latour (2019).

⁷ Com base na Teoria Ator-Rede (Latour, 2019), nossa compreensão acerca do meme consiste em um microacontecimento que pode ser acessado por meio do método de fragmentar o ato de conversar (ou postar), e esse microacontecimento é constituído pela mobilização, em sua performance, de uma série de elementos heterogêneos, não sociais em si, tais como celulares, cabos, um gato.

⁸ Regime de enunciação é um conceito desenvolvido originalmente por Etienne Souriau, referente a atividades discursivas que incitam verdades, alterando e produzindo subjetividades na cultura dos modernos (Latour, 2019).

⁹ Aqui não vamos nos deter à trajetória específica, ou isolada, do *meme*, isso será feito em outra oportunidade.

¹⁰ Produzida e exibida originalmente pela TV Globo, uma rede de televisão comercial brasileira aberta.

esticada por um tambor se extrair *também* um som; sempre que de uma linha em uma tela se extrair *además* uma figura; sempre que um gesto no palco engendra *por acréscimo* um personagem; sempre que um pedaço de argila faz nascer *por adição* o esboço de uma estátua (Latour, 2019, p. 203).

Sob tal enfoque, analisamos a articulação da trajetória do *meme* na medida em que ela depende dos modos de existência dos seres da metamorfose, exemplificados pela Nazaré Tedesco, personagem que converte o caráter dramático e comovente da história de uma mãe à procura da sua filha roubada em deboche e ironia¹¹; e dos seres da ficção¹², exemplificados por meio do conceito de achados expressivos. Assim, apresentamos uma descrição acerca da composição híbrida da conversação digital, da qual o *meme* faz parte, mas não pode ser con-

fundido com ela.

Achados expressivos

Uma característica marcante das relações digitais é que nelas todos os existentes são apreendidos à maneira dos seres da ficção. Trata-se, então, de um mundo dobrável indefinidamente, no qual cada um é um material vibrando para uma forma ou figura com muito mais intensidade do que no mundo nas interações por aproximação física. Frases do tipo "amo esse *meme*" ou "sua cara daria um *meme*" referem-se, na verdade, a essa vibração que chamaremos de achado expressivo, bem como é exemplificado na Figura 1, ilustrada por uma mulher loira, de meia-idade, olhar penetrante e, talvez, confusa.

Figura 1 – Achado expressivo famoso entre os brasileiros



Fonte: *Meme*: Nazaré Tedesco (2016).

Importa ressaltar que é preciso acrescentar várias coisas para que qualquer técnica comece a funcionar, há desvios imprevisíveis, graças aos quais, seres totalmente distantes da reprodução de uma determinada situação se tornam a peça fundamental que faltava de um "quebra-cabeça" que exige muita engenhosidade. A inovação tra-

zida por uma técnica é difícil de captar, porque é preciso levar em conta não apenas o desvio, mas, também, a delegação que permite à ação se apoiar em outros materiais; além do esquecimento deixado para trás quando uma nova composição é estabelecida (Latour, 2019). A Figura 2 pode oferecer uma noção desse processo a partir da rede discursiva.

¹¹ Apesar de que, como será demonstrado, o enredo da novela não tem nada a ver diretamente com o *meme*.

¹² Na obra intitulada *Investigação sobre os modos de existência: uma antropologia dos modernos*, Latour (2019) mapeia os modos de existência da ficção e da metamorfose, bem como de outros regimes de enunciação, descrevendo-os como ações discursivas que fazem parte da articulação moderna para a produção e reprodução de grupos.

Figura 2 – Achado expressivo da Figura 1 em sua formatação mais famosa



Fonte: Gil (2016).

Quem fez essa edição? Quem é essa mulher? Por que ela está assim? Ao invés disso, podemos questionar: se o contágio, como afirma Tarde (2005), acontece por meio da influência de saber ou crer que certas ideias são, simultaneamente, compartilhadas por outros, como saber ou crer que outras pessoas pensam igual a mim, uma vez que, no digital, isso não pode mais acontecer essencialmente através da penetração do olhar, da persuasão do magnetismo e da presença física? Em resposta: por meio de um registro oportuno para expor os interesses apaixonados e substituir os gestos, as expressões e a penetração no olhar, e a isso daremos o nome de achados expressivos. Estes podem enviar mensagens que chegam aos seus destinatários corretos (outros indivíduos que, potencialmente, pensem a mesma coisa) e permitir, em uma conversação entre indivíduos fisicamente separados, uni-los (agregá-los) no mesmo devaneio, no mesmo sonho, no mesmo sofrimento, na mesma emoção, na mesma crítica, no mesmo ataque, ou no mesmo assunto trivial.

Inclusive, é nas conversas triviais que o *meme* deixa a sua importância passar despercebida, escondendo a sua forma prática de existência. Por isso, muitas análises apressadas resumem sua ação aos assuntos pouco relevantes que, eventualmente, determinada postagem esteja mediando. Não raro, usa-se a expressão "é um

meme" para se referir a um conteúdo desse tipo, como se fosse a composição estabelecida e materializada no *post* específico com o qual nos deparamos ao deslizar o dedo no *feed* de notícias; ou como se o *meme* fosse o achado expressivo que se repete. Mas, afinal, o que é o *meme* e o que a Nazaré tem a ver com ele?

Uma performance híbrida

Nazaré era uma prostituta, porém, para um de seus amantes, com o qual desejava se casar, passava-se por enfermeira e fingia estar grávida. Após uma briga com ele, que se recusava a casar-se, ela encontra Maria do Carmo, uma retirante nordestina perdida no meio de uma repressão policial contra estudantes que protestavam na rua. Com cinco filhos, sendo um deles uma menina recém-nascida, Maria do Carmo tinha ido para o Rio de Janeiro procurar o marido e, desesperada, acaba aceitando a ajuda da vilã que, vestida de enfermeira, promete cuidar das crianças enquanto o filho mais velho recebe atendimento médico. Dessa maneira, o início dramático da novela consiste no roubo do bebê dessa mulher e no fato de Nazaré conseguir simular um parto e casar-se com seu amante.

Mais de vinte anos depois, Nazaré, empurra o marido da escada¹³, em razão de ele ter visto na televisão uma foto da sequestradora de Lindalva

¹³ Por causa disso, o ato de "empurrar da escada" se destaca nas plataformas digitais como uma de suas atitudes marcantes, como um registro ou mesmo uma espécie de achado expressivo da personalidade dela.

(nome dado por Maria do Carmo a sua filha) que havia sido feita por um jornalista nas ruas do Rio de Janeiro no meio do tumulto entre policiais e estudantes. Ele entra em choque ao ver aquela mulher vestida de enfermeira, grávida (barriga falsa) e com uma criança nos braços. Assim, após sua queda da escada, ele infarta antes de denunciá-la. A partir daí, a novela inicia uma nova fase, o destino finalmente cruza o caminho de Isabel (filha roubada) e Maria do Carmo. O impasse decorrente disso consiste no fato de que, apesar de descobrir que foi sequestrada, Isabel ama e defende a mulher que a criou. Todavia, o que esse roteiro tem a ver com a trajetória do "meme da loira confusa"? Diretamente, nada.

Isso pode ser evidenciado se considerarmos que a Nazaré ficou conhecida entre internautas estadunidenses e de outros países em 2016, quando pessoas de vários países, que nem mesmo sabiam que ela é brasileira, conduziram uma conversa no X, antigo Twitter, acerca de sua imagem (um registro do seu rosto aparentemente confuso). Então, embora já fosse popular no Brasil, o achado expressivo da Nazaré viralizou por meio de uma discussão sobre política, na qual, perfis estadunidenses usaram a imagem dela para conversar sobre o debate entre Donald Trump e Hillary Clinton (candidatos à presidência dos Estados Unidos em 2016). A discussão até avançou em torno da identidade dessa mulher tão atraente em relação ao segredo guardado pela sua expressividade, entretanto, a vilã brasileira acabou sendo chamada de *confused blonde* (Figura 1) ou *math lady* (Figura 2).

O detalhe fundamental é que a falta de uma identidade não compromete a condição de achado expressivo dos registros da personagem, sendo por meio destes, portanto, que os modos de existência da ficção e da metamorfose são articulados enquanto preposição do *meme*, o primeiro na medida em que convida para figurar ou dar forma a sensações; e o segundo na medida em que estimula uma transformação emocional. "O *meme* da loira confusa", dessa forma, permite falar com pessoas separadas fisicamente e constituir um tipo de agregado

que se confunde com a própria opinião, ou seja, o contágio não depende da aproximação dos corpos: influenciam-se à distância.

Uma especialista na técnica do *meme*

Uma das principais características da personagem Nazaré Tedesco consiste em lidar com os conflitos éticos, oferecendo uma resolução hábil e cínica, assim, o seu humor mordaz se sobressai quando tentam descrevê-la. Entretanto, para compreender a eficácia desse deslocador de ação, o "meme da loira confusa", é fundamental ressaltar que ela não é simplesmente produto da interioridade dos indivíduos; não pode estar presa a um mundo simbólico, pelo contrário, ela foi fabricada e passou à autonomia. Bem como todas as criações discursivas, ela superou ligeiramente os falantes, um processo que Latour (2002) chama de fe(i)tiche, isto é, a transcendência na passagem da prática discursiva à agência de um número ilimitado de atores.

Nessa circulação de transcendências, a Nazaré atravessa, tecnicamente, sua própria existência por meio de sua fisionomia especialmente. Segundo Bergson (2020), a expressão facial risível é aquela que suscita algo enrijecido, por assim dizer, congelado na mobilidade da fisionomia. Tal expressão conserva uma indecisão quanto às nuances possíveis do estado da alma, aspecto que merece destaque na fisionomia da Nazaré. Em toda forma humana, o esforço de uma alma resiste à matéria, comunica algo em movimento, transmite uma imaterialidade que Bergson (2020) chama de graça. Porém, quando a matéria se sobressai, burlando as harmonias superficiais da forma, o caricaturista pode captar essa revolta profunda da matéria e dá aos seus modelos as caretas que eles mesmos fariam, como se essa forma se revelasse espontaneamente.

Rir-se, portanto, de uma fisionomia que é sua própria caricatura "não se trata mais da vida, mas de um mecanismo instalado na vida e que imita a vida. Trata-se do cômico" (Bergson, 2020, p. 824). Ao apresentar essa resistência material que possibilita o desvio da seriedade para o cômico, a fisionomia da personagem é o seu principal

recurso de poder; imitá-la faz rir, e isso é útil para o *meme*. Embora os achados expressivos da personagem não sejam risíveis em si, eles provocam, de maneira geral, lapsos intuitivos a partir do seguinte problema de *insight*: que crenças e desejos podem ser ativados por meio da sensação que é estranhamente compartilhada? De acordo com Weems (2016), uma resolução rápida provoca prazer (aspecto facilmente perceptível em uma piada), e é precisamente um caminho para alguma resolução rápida do pensamento que os achados expressivos oferecem.

Crenças e desejos (conscientes ou não) podem se adequar ao achado expressivo, substituindo ou, em algum nível, suprimindo, os gestos, o olhar, os passes magnéticos que garantem o contágio nas relações face a face. Dessa maneira, ao oferecer uma forma peculiar para determinadas sensações, Nazaré criou um canal para bombear crenças e desejos, do exterior para o interior dos indivíduos¹⁴. Ela possui uma expressão facial similar à descrita por Bergson (2020) como cômica: não oferece nada mais do que dá e se torna mais cômica na medida em que sugere a ideia de alguma ação simples e mecânica. Onde a matéria consegue adensar exteriormente a vida da alma, consegue fixar o movimento, ir contra a graça e obter um efeito cômico. Em síntese, a vilã é um dos seres da metamorfose e auxilia no povoamento do mundo digital: ela é uma especialista na técnica do *meme*.

É como se ela congelasse uma sensação e essa sensação ficasse presa, repetindo-se incessantemente: corresponde a um mecanismo que aciona, por muitas vias alimentadas por crenças e desejos, e o achado expressivo compreende a maneira pela qual a ação do *meme* se apropria desses efeitos discursivos para anunciar o seu modo de existência. Mas, é crucial pontuar que, embora se aproprie do efeito cômico, o *meme* não se confunde com ele. Ademais, o efeito cômico "ganha mais densidade quando podemos relacionar essas características com uma causa profunda, com certa *distração fundamental* da

pessoa, como se a alma se deixasse fascinar, hipnotizar pela materialidade de uma ação simples" (Bergson, 2020, p. 773). Este autor defende que o cômico consta em qualquer reincidente que chama a atenção para o físico, quando, na verdade, é a dimensão moral que está em pauta: é "a forma querendo se impor ao fundo, a letra discordando do espírito" (Bergson, 2020, p. 985), artifício pontual da vilã.

Nazaré apresenta essa distração em suas atitudes, mas, mais que isso, ela apresenta uma distração moral, conforme pode ser notado em um dos seus achados expressivos, no qual ela está em fuga com um bebê nos braços. Na novela, ela até chega a ser presa, mas consegue fugir da cadeia e sequestra o bebê de Isabel (a filha que roubou a mais de 20 anos), sua façanha consiste em conseguir fazer tal coisa inquestionavelmente repudiável e, mesmo assim, desviar a atenção do que é repudiável para sua forma física, para a materialização do registro, para como esse registro pode ser útil para conversar no mundo digital.

Como Nazaré não consegue repetir o feito de roubar o bebê e sair ilesa, encurralada com a criança nos braços, ela entende que é o fim, então muda de estratégia: ameaça jogar a criança no rio caso se aproximem dela, então, Isabel tenta conversar e pede sua filha de volta, prometendo não permitir que a façam mal se a criança for devolvida. Diante dessa e de tantas outras maldades, seria comum pensar que não tem como ficar do lado da sequestradora de bebês; no entanto, trata-se também de uma especialista na manipulação dos *scripts*, ela surpreende por meio do mecanismo rígido peculiar a sua existência, a sua fisionomia, e diz: "é o fim da linha", ignorando o fato de que acabou de sequestrar um bebê, prossegue sua fala: "eles não vão deixar que essa raposa linda, felpuda, saia sã e salva daqui. Eu te amo, eu te amo mais que minha própria vida. Isabel, você é o ar que eu respiro, eu vou te dar uma prova agora do meu amor por você".

A prova do amor por Isabel foi devolver o ne-

¹⁴ Trata-se de um tipo de rede que podemos chamar de subjetividade, mas que, de maneira mais técnica, Latour (2019) chama de rede de psicogênese.

ném e, sorrindo, jogar-se da ponte. O mecanismo rígido que surpreende, do qual fala Bergson (2020), é como um intruso na continuidade viva das coisas, mas constitui um interesse particular para os indivíduos, porque tal mecanismo oferece certa distração da vida. Nazaré roubou para si a atenção de todos, mesmo diante dos crimes que cometeu. Em seu percurso, ela deixou um rastro formidável de achados expressivos, os quais garantem o seu renascimento no mundo digital, ou melhor, garantem que ela "se torne *meme*" e realize o ritual de posse de crenças e desejos. Na verdade, ela se torna um ser da metamorfose (influências, divindades), e as particularidades de sua fisionomia tornam-se seres da ficção (figurações, formas), ambas são microações discursivas diferentes e específicas, assim como o *meme*, ou seja, não se confundem, relacionam-se. A articulação das duas primeiras oferece um passe para o *meme*, por meio dos achados expressivos.

Em suma, esse mecanismo de articulação é profundamente explorado nos achados expressivos do "*meme* da loira confusa", e isso resulta em uma espécie de desabafo acerca das imperfeições coletivas ou individuais, mas que requer uma correção imediata. Com base em Bergson (2020), pode-se afirmar que essa correção é justamente o riso. Quando a cena é frequentemente repetida, explica o autor, passa para o estado de categoria, torna-se engraçada por si mesma, independentemente da situação original. Ademais, uma das maneiras de desviar a seriedade de um ato consiste em dirigir a atenção para os gestos, em vez de se concentrar no ato em si. Os gestos correspondem a atitudes, movimentos, discursos, por meio dos quais um estado da alma se manifesta sem objetivo, por efeito de um impulso, no caso do ato em si, há intenção, enquanto no gesto há automatismo.

O gesto seria a expressão de uma parte isolada da pessoa, separadamente da personalidade; tem algo explosivo nele, que desperta nossa sensibilidade na iminência de adormecer, ao passo que faz o indivíduo voltar a si, impedindo-o de levar a sério o ato, então, estar-se na comédia (Bergson,

2020). Os achados expressivos, portanto, podem ser usados como base para circular servindo a qualquer opinião, ideia ou pensamento. Mestre nessa arte, Nazaré Tedesco isola sua personalidade e pode ser invocada até mesmo por aqueles que são veementes contra sequestros de bebês.

Ela faz agir, ela age

A partir do pensamento de Bergson (2020), pode-se afirmar que a Nazaré é cômica porque segue automaticamente seu caminho sem preocupação com os demais, em função disso, o riso emerge para corrigir sua distração e tirá-la do seu sonho. Uma personagem cômica pode até estar de acordo com a estrita moral, esclarece o autor, visto que é, sobretudo, a rigidez que causa desconfiança. Por conseguinte, se o aspecto que é capaz de sensibilizar e comover em uma pessoa forem deixados de lado (sequestrar um bebê, por exemplo), o resto se torna cômico imediatamente, além disso, o cômico estará diretamente proporcional à porção de rigidez expressa no gesto. Isso implica dizer que o cômico seria o que há de pronto, já feito na pessoa, e se encontra no estado de um mecanismo, que, uma vez montado, pode funcionar automaticamente, sendo aquilo que o indivíduo repete nele mesmo e aquilo que os outros poderão imitar.

Esse mecanismo concerne ao tipo de imitação ideal para a sugestão de pessoa a pessoa que caracteriza a trajetória do *meme*, pois permite independência em relação às crenças e desejos que este modo de existência esteja, contingentemente, mediando; aliás, o achado expressivo é independente até das circunstâncias que lhe deram origem, conforme foi demonstrado. A técnica do *meme* (agregada à técnica de outros modos de existências discursivas) viabiliza um tipo de articulação entre o mundo (o digital) e o pensamento, ambos em constante construção. Logo, uma vez pensado como uma ação dotada de técnica, cujo efeito reflete na qualidade das relações entre os indivíduos que povoam o mundo digital, o *meme* é uma ação que antecede o que Tarde (2003) descreve como as duas quantidades da alma, as crenças e desejos, uma

vez que cava subjetividades.

Em última instância, o *meme* é uma técnica que também não pode ser confundida com a opinião, pois, efetivamente, ela garante a travessia das crenças e desejos. Isso significa que o "mundo simbólico" é produzido pela superposição de todos os invisíveis vitais ao sentido, mesmo que a estes tenha sido negada toda a sua objetividade.

É demasiado fácil para os "artistas" assumirem a irrealidade de suas criações, comprazendo-se do "falso" em nome dos "direitos imprescritíveis da imaginação e da criação". "Licença poética", quanta complacência se corre o risco de se dar em teu nome (Latour, 2019).

Apesar de ser tentador relacionar os signos entre si como se constituíssem um mundo à parte, um sistema ou uma estrutura, eles são como organizadores virtuais que fazem todos os existentes vibrarem na direção de uma forma que se sucederá à precedente. Dizer que os seres da ficção povoam o mundo significa que eles vêm a nós e se impõem; a particularidade deles consiste no fato de que a objetividade de suas existências depende da incessante retomada por parte das subjetividades que não existiriam se esses seres não as tivessem dado (Latour, 2019). Dito isso, comunicar-se faz soar artisticamente, de maneira tão proeminente, que existe um museu para preservar a memória dos "*memes*"; ou melhor, para preservar a memória de achados expressivos: o *#MUSEUdeMEMES*¹⁵. Como é um museu digital, ao passear pelo *site*, encontramos a informação de que, no museu de belas-artes dos *memes* de internet, quase não há artistas consagrados, já que muitos *memes* são criações anônimas e coletivas (Museu de memes, 2015). A loira confusa é um dos clássicos desse acervo, e:

Somos uma parte do seu trajeto, mas a sua *criação continua* se encontra distribuída ao longo do caminho da vida desses seres, a ponto de nunca sabermos realmente se é o artista ou o público que faz a obra. Em outras

palavras, eles também seriam redes (Latour, 2019, p. 202).

Sublinha-se com isso, que estamos abordando um fenômeno (a performance híbrida da conversação digital) que não é limitado a imagens cômicas ou frases de efeito, mas, sim, a uma rede que inverte a inversão. Nazaré tem acesso a um mundo instável e é capaz de modificar a qualidade da ação e de dissimular sua fabricação em meio a uma multidão de agentes: ela faz agir, ela age. Não porque ela é um *meme*, mas por seu complexo modo de existência.

Para enviar a sutil mensagem do contágio

Ao mesmo tempo em que se fabricam essas redes, elas culminam em um estado similar ao hipnotismo ou sonambulismo, estado que Tarde (2000) define como social. Para este autor, o estado social é uma espécie de sonho em ação, no qual os indivíduos têm a ilusão de serem espontâneos, quando, na verdade, estão imitando na maior parte do tempo. Disso podemos concluir que flagrar tal ilusão permite inovar ou rir, se levarmos em consideração que, em conformidade Bergson (2020), a imitação faz rir, justamente porque a vida bem viva não deve se repetir. Quer dizer, onde existe uma similitude total, presente-se o mecânico funcionando por trás do vivo, e essa inflexão da vida seria pontualmente a causa do riso, ela corresponde a sobreposição do mecânico sobre o vivo, que exige um sustar: a imagem se centraliza e canaliza a imaginação por direções divergentes.

Na trajetória do *meme*, esse sustar é crucial, consiste em um parar e interromper o fluxo da positividade¹⁶, corresponde a se deparar com um achado expressivo por meio do qual é possível se arriscar levando a mensagem que encanta, magnetiza ou hipnotiza, caracterizando estados sociais. Em linhas gerais, o *meme* só é *meme* se

¹⁵ Usando a autoapresentação do *#MUSEUdeMEMES*: um projeto desenvolvido sob a coordenação-geral do professor doutor Viktor Chagas e que envolve pesquisadores e estudantes do Laboratório de Pesquisa em Comunicação, Culturas Políticas e Economia da Colaboração (coLAB), vinculado à Universidade Federal Fluminense (Museu de memes, 2015).

¹⁶ Positividade remete ao sentido dado por Han (2017), segundo o qual, segue-se um fluxo sem hesitar, é-se tão estimulado que não consegue parar, refletir.

conseguir enviar a sutil mensagem do contágio, a mera tentativa de fazer isso não é *meme*; já o cômico é outra coisa, mas é bem útil, porque ajuda a sinalizar que o *meme* está correndo o risco de acontecer. Consoante a Bergson (2020), a linguagem só produz efeitos risíveis porque é obra humana, modelada sob as formas do espírito, por isso, é possível sentir que algo da vida humana vive nela. Seria a forma de vida prática dos regimes de enunciação da qual fala Latour (2019)?

Ainda para Bergson (2020), se a vida da linguagem fosse completa e perfeita, incapaz de se dividir em organismos independentes, ela escaparia ao cômico. Dessa forma, é plausível concluir que o cômico no mundo digital se sobressai pelo ápice da asfixia das formas de vida prática do discurso, reivindicando o reconhecimento dos serviços e valores prestados pela linguagem à fabricação da realidade. Em síntese, se o despertar de uma ilusão resulta no riso, sorrir no mundo digital é predominantemente o efeito de não poder fugir das contradições, do esforço surreal de ter que corrigir a realidade. Nesse mundo é muito mais difícil garantir a ilusão de que a realidade está pronta, dada, plena e esconde os fe(it)iches, então, a metamorfose, a ficção e o *meme* são requisitados com muito mais intensidade.

Considerações finais

"Produzir *memes*" é tido como uma atividade atualmente importante para a manipulação política, entretanto, o que de fato se produz são postagens que adaptam ideias aos achados expressivos, munindo-se, assim, de um potencial para, eventualmente, contagiar. Produzir achados expressivos é outra coisa, se os políticos profissionais pudessem produzi-los assim com tanta facilidade, bem como a Nazaré Tedesco produz, seriam verdadeiros artistas, mas apenas usam recursos de edição a fim de adaptar os achados expressivos a uma opinião específica. A personagem, entre outros "seres da possessão", é invocada no digital justamente para se arriscar na articulação de emoções e transformações, por meio das quais o processo de subjetivação nas

relações digitais pode acontecer. Ela não virou *meme*, ela faz parte (assim como qualquer outro actante pode fazer) da microação discursiva, cujo efeito micropsicológico é o contágio social, ou melhor, o *meme*. O único critério inegociável é tal efeito, já os demais elementos dessa performance híbrida podem se relacionar por meio de um número incomensurável de formas.

Com a Nazaré Tedesco, as sensações são figuradas, principalmente, pela sua fisionomia capaz de acessar o cômico, não porque tal fisionomia é cômica em si, mas porque oferece um acervo precioso de achados expressivos, capazes de surpreender o mecanismo rígido na continuidade viva das coisas humanas e, a partir dessa surpresa, pode rir da ilusão de achar que tem o controle da vida. O mecanismo rígido capturado no curso da vida é descrito por Bergson (2020) como uma distração da vida, um intruso na continuidade da vida, e percebê-lo é como perceber a distração, e isso é útil para a eficácia técnica do *meme*, ou melhor, para a articulação subjetiva da opinião e formação de grupos. Porém, o *meme* não está implicado na dimensão do cômico, esse é apenas mais um dos elementos híbridos da conversação. E o riso é canalizado pela centralidade que o *meme* assumiu, cuja consequência mais fascinante é a evidenciação da importância do infinitesimal para os acontecimentos.

O *meme* exige do pensamento que ele acesse as ideias a partir de um memorial precedente acumulado, o mais sintético possível (tem-se pouco tempo na conversação digital), contudo, quanto mais sintético e acumulado for este memorial, mais próximo do absurdo e da ausência de sentido. Por esse caminho, as contradições se multiplicam de maneira extraordinária, e lidar com elas é o único caminho, desse modo, é-se necessário a articulação com outros regimes de enunciação, tais como a ficção e a metamorfose. Então, se a intenção é reagregar o social (Latour, 2012b), é necessário se especializar em resolver conflitos rapidamente, sendo os achados expressivos uma das chaves de acesso. Estas serão objeto de análise em outra oportunidade, dedicada a conceituar o *meme* de maneira mais

elementar e isolada.

Referências

BERGSON, Henri. *Riso*: ensaio sobre o significado do cômico. São Paulo: Edipro, 2020.

CANI, Josiane Brunetti. Multimodalidade e efeitos de sentido no gênero meme. *Periferia: Educação, Cultura e Comunicação*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 242-267, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/periferia.2019.36955>. Acesso em: 27 jan. 2025.

DAVISON, Patrick. A linguagem dos memes da internet (dez anos depois). In: CHAGAS, Viktor (org.). *A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital*. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 139-155.

GIL, Tito Belo. Nazaré confusa (Math lady). *Museu de memes*. 2016. Disponível em: <https://museudememes.com.br/collection/nazare-confusa>. Acesso em: 16 fev. 2023.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade da transparência*. Petrópolis: Vozes, 2017.

LATOUR, Bruno. Alguns experimentos em arte e política. *Dispositiva: Revista Interinstitucional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC Minas e da UFMG*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 17-27, 2012a. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/dispositiva/article/view/2510>. Acesso em: 27 jan. 2025.

LATOUR, Bruno. *Investigação sobre os modos de existência: uma antropologia dos modernos*. Petrópolis: Vozes, 2019.

LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à Teoria Ator-Rede*. Salvador: EDUFBA, 2012b.

LATOUR, Bruno. *Reflexão sobre o culto moderno dos deuses feiítiches*. Bauru: EDUSC, 2002.

LATOUR, Bruno. Se falássemos um pouco de política? *Política & Sociedade: Revista de Sociologia Política*, Florianópolis, v. 3, n. 4, p. 11-40, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/%25x>. Acesso em: 27 jan. 2025.

LIMA-NETO, Vicente de. Meme é gênero? Questionamento sobre o estatuto genérico do meme. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 3, n. 59, p. 2246-2277, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/01031813834991620201116>. Acesso em: 27 jan. 2025.

MEME: Nazaré Tedesco. *Blog sequelanet*. 2016. Disponível em: <https://www.sequelanet.com.br/2016/12/meme-nazare-tesesco-senhora-do-destino.html>. Acesso em: 16 fev. 2024.

MUSEU DE MEMES. 2015. Disponível em: <https://museudememes.com.br/>. Acesso em: 21 jan. 2023.

SILVA, Patricia Rilliane Gome da. *A trajetória oculta o meme: ensaio sobre o contágio no mundo digital*. 2023. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/52451>. Acesso em: 27 jan. 2025.

SILVA, Patricia; LOPES JÚNIOR, Orivaldo Pimental. Meme: análise dos rastros de uma microação discursiva. *Comunicação Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 20, n. 58, p. 342-336, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.18568/cmc.v20i58.2843>. Acesso em: 27 jan. 2025.

TARDE, Gabriel. *As leis da imitação*. Portugal: Rés, 2000.

TARDE, Gabriel. *A opinião e as massas*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

TARDE, Gabriel. *Monadologia e sociologia*. Petrópolis: Vozes, 2003.

WEEMS, Scott. *Há! A ciência do humor: quando rimos e por quê*. São Paulo: DVS, 2016.

Patricia Rilliane Gomes da Silva

Possui graduação (2016), mestrado (2019) e doutorado (2023) em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Pesquisadora do grupo de estudos transdisciplinares em comunicação e cultura, Marginália. Possui interesse em pesquisas sobre contágio social, opinião pública e mídias digitais.

Orivaldo Pimentel Lopes Júnior

Professor Titular de Ciências Sociais, vinculado ao Instituto Humanitas de Estudos Integrados – UFRN; Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN; Coordenador do Grupo de Pesquisa Mythos-Logos: Imaginário e Parcerias do Conhecimento.

Endereços para correspondência

Patricia Rilliane Gomes da Silva

Av. Romualdo Galvão, 446

Barro Vermelho, 59022-100

Natal, RN, Brasil

Orivaldo Pimentel Lopes Júnior

Av. Presidente Getúlio Vargas, 550, apto 802

Petrópolis, 59012-360

Natal, RN, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.